

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Gazeta de notícias

Class.:

AM-Extratirismo

Data

18.11.80

Pg.:

11

O seringueiro e a selva

É repente a alusão jornalística. Há mais de um século vive o seringueiro da Amazônia condenado à aposentadoria por cegueira. Cegueira que a Lei Trabalhista apresenta como "acidente de trabalho". Na realidade, a fumaça provocada pelo processo rudimentar de preparação do látex é que cega o seringueiro.

Quem não conhece, por ouvir dizer, em relatos contados por sobreviventes da época áurea da borracha, a odisséia do seringueiro? É história descrita num dos melhores livros da literatura portuguesa, "A Selva", de Ferreira de Castro, e desdobrada em vasta bibliografia.

Ferreira de Castro, por sinal, abre seu livro citando o "Vale do Amazonas", de Tavares Bastos, que fala da "sensação de profunda melancolia que se apodera do espírito", a nos advertir de que "estamos dentro das mais densas solidões do mundo", quando nos metemos nas brenhas.

É dentro da mais densa solidão do mundo que o seringueiro trabalha até cegar, para que o seringalista se torne rico e para que não falte borracha nos pneus de nenhum carro, de rico ou remediado, a rodar por toda parte, com ou sem crise de petróleo.

Ainda do pórtico do romance mais do que realista de Ferreira de Castro transcrevemos esta advertência: "A luta do cearense e dos maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopéia de que não ajuíza quem, no resto do mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha — da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável."

Mas, será que a Pátria está salva? Ocorre a pergunta em face do anúncio de que o Ministério da Indústria e do Comércio, monumentalmente instalado em Brasília, estabeleceu, com o mínimo de burocracia permitida pelo Ministro Beltrão, um sistema de financiamento para a pequena extração da borracha. Segundo esse sistema, alguns seringueiros se livrarão das garras do seringalista.

Condenados à cegueira continuarão os escravos dos grandes seringais. Estes, só se livram da cegueira de prazo marcado quando morrem de febre ou mordidos de cobra, antes dos quinze anos fatídicos.

Por sinal, não é só na Amazônia que o látex cega. Fernando de Noronha, que hoje virou local de turismo, tem um arbusto de aspecto repulsivo. Chama-se burra-leiteira. As gotas que se desprendem de suas folhas causam na pele queimaduras de segundo grau. Nos olhos, cegam.

No entanto, a lei anunciada pelo Ministério da Indústria e do Comércio estabelece o uso de um processo de prensagem, na extração da borracha, que dispensa a queima e a fumaça sinistra. Além disso, permite que o seringueiro, em certos casos, com financiamento do Governo, trabalhe diretamente, sem ser explorado pelo seringalista.

Só fica faltando o entendimento com o índio. Para o índio, criatura de Deus não enfronhada em códigos e jogada no paraíso amazônico em vestes de Adão e Eva, a terra é dele. E, na verdade, é mesmo dele.

Esse entendimento do índio com os cearenses e demais nordestinos citados no livro de Ferreira de Castro bem que poderá ser negociado na Holanda, pelo cacique Juruna. Desde que lhe fornecer passaporte e bons intérpretes de dialetos falados no Brasil pelas tribos que o rifle papo-amarelo dos seringalistas ainda não exterminou.